

Perfil etário dos estudantes de operador de computador do Proeja do Campus Palmas do Instituto Federal do Tocantins

Idrlan Alves Batista⁽¹⁾,
Daniela Bento Noleto da Conceição⁽²⁾,
Beatriz Ines Corteze Hirsch⁽³⁾ e
Marluce Zacariotti⁽⁴⁾

Data de submissão: 2/10/2023. Data de aprovação: 11/4/2024.

Resumo – A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país destinada aos jovens e adultos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada. Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar o perfil etário dos alunos do curso de Operador de Computador integrado ao Proeja do Campus Palmas do Instituto Federal do Tocantins nos anos de 2017 a 2022. Para tanto, é necessário compreender aspectos pontuais do conceito de “juventude(s)” e definir quem são os sujeitos que emergem do fenômeno da juvenilização. Assenta-se num estudo qualitativo com viés descritivo documental e bibliográfico, com o intuito de conhecer e apresentar o perfil etário de um grupo por meio de tabelas disponibilizadas em plataforma de dados públicos. O estudo apontou que o perfil etário do curso pesquisado são de pessoas de 15 a 29 anos, o que pode indicar o fenômeno da Juvenilização na EJA.

Palavras-chave: EJA. Juvenilização. Perfil etário. Proeja.

Age profile of Proeja computer operator students of Palmas Campus of the Federal Institute of Tocantins

Abstract – Youth and Adult Education is a teaching modality that permeates all levels of Basic Education in the country, aimed at young people and adults who did not have access to education in conventional schools at the appropriate age. Thus, this work aims to present the age profile of students on the Computer Operator course integrated with Proeja at the Palmas Campus of the Federal Institute of Tocantins from 2017 to 2022. To do so, it is necessary to understand specific aspects of the concept of “youth(s)”, and define who are the subjects that emerge from the phenomenon of juvenilization. It is based on a qualitative study with a documentary and bibliographical descriptive bias, with the aim of understanding and presenting the age profile of a group through tables available on a public data platform. The study pointed out that the age profile of the researched course is made up of people aged between 15 and 29, which may indicate the phenomenon of Juvenilization in EJA.

Keywords: EJA. Juvenilization. Age profile. Proeja.

¹ Mestranda do Programa Profissional de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins. Assistente em Administração da Reitoria do Instituto Federal do Tocantins. Membro do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq Multidisciplinar em Trabalho Colaborativo. *.idrlan@ifto.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8103-5435>.

² Mestranda do Programa Profissional de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins. Assistente em Administração da Reitoria do Instituto Federal do Tocantins. Membro do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq Pesquisa em Artes Visuais e Educação. *.daniela.noleto@ifto.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1249-8630>.

³ Especialista em Gestão Escolar e Psicopedagogia Clínica e Institucional. Orientadora Educacional do Centro Municipal de Educação Infantil Cantinho do Saber. *.biahirsch@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0216-0254>.

⁴ Professora doutora do Programa Profissional de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins. Membro do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq Comunicação, sociedade e meio ambiente. *.marluce@uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4834-1088>.

Introdução

Os jovens ocupam, hoje, aproximadamente um quarto da população do país; isso significa que temos mais de 57 milhões de jovens entre 15 e 29 anos de idade vivendo, atualmente, no Brasil, conforme aponta o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Comumente, considera-se que jovem é toda pessoa que está em determinado grupo de idade, porém, não é consenso a delimitação da faixa etária para tal grupo.

Nesse sentido, destaca-se que o Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, define como jovens as pessoas de 15 a 29 anos de idade. Segundo Abramovay e Castro (2015, p.18), a definição dessa faixa etária leva em conta:

[...] o aumento do tempo dedicado à formação escolar e profissional, a permanência maior com as famílias de origem, assim como as dificuldades para se conseguir principalmente o primeiro emprego, o que implica na necessidade de mais proteção social quanto a vulnerabilidades e a ideia de que em tal faixa de idade não se deveria precisar trabalhar, mas estar apenas estudando para conseguir melhor colocação na vida e ter mais tempo para formação, ou em trabalhos que colaborassem na formação dos jovens e fosse gratificante.

Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) consideram como jovem pessoas entre 15 e 24 anos, “período em que se estaria para alguns autores, o que também é discutível, em condições biológicas de ter filhos” (Abramovay; Castro, 2015, p. 18).

Deste modo, o último censo do IBGE mostra que, dentre os jovens brasileiros com idade entre 15 a 29 anos, 25,2% estudam e 15,7% trabalham e estudam simultaneamente (IBGE, 2022).

No rol de estudantes brasileiros, há ainda 2.962.322 matrículas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo que 1.237.193 correspondem ao número de jovens e adultos matriculados na EJA de nível médio, de acordo com o último Censo da Educação Básica (2021).

A EJA, da forma como acontece no Brasil, significa a reposição da escolarização para aqueles que não tiveram acesso, ou não estudaram ou não concluíram o ensino médio na idade regular, sendo a idade de 17 anos considerada como apropriada para a conclusão desta etapa de ensino.

Nessa seara, com o objetivo de combater os baixos índices educacionais de jovens e adultos, o governo federal mobilizou um conjunto de ações para aumentar as oportunidades educativas e de obtenção de emprego. Dentre essas ações destacam-se o entrelaçamento da educação básica com a educação profissional. Com essa união criou-se o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (Proeja), desenvolvido pela Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPT) (Neves, 2013).

O Proeja é voltado para a inclusão de jovens e adultos no sistema público de educação profissional e tem como finalidade a profissionalização, a qual contribui para a inserção desses indivíduos no mundo do trabalho pela via formal, tendo em vista que este programa faz parte de um projeto nacional de desenvolvimento (Brasil, 2007).

A partir do Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006, o Proeja pode ser ofertado nas esferas estadual, municipal e federal; nesse sentido, o programa, cuja ação educativa pode ocorrer como formação inicial e continuada ou habilitação técnica, integra a oferta de ensino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) (Brasil, 2006).

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), criados pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, “são instituições de educação superior, básica e

profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino [...]” (Brasil, 2008).

Diante do exposto, apresenta-se neste artigo uma pesquisa cujo intuito foi conhecer um pouco mais esse estudante que frequenta o Proeja. Buscou-se levantar dados para traçar um perfil etário desses frequentadores para ancorar reflexões sobre o programa de ensino e aspectos da juvenilização da EJA que, segundo as autoras Miron e Schardosim (2021), é um aumento de grupos cada vez mais jovens dentro dessa modalidade de ensino, que tinha como característica principal a presença predominante de adultos.

Assim, esta pesquisa foi realizada no curso de Manutenção e Operação de Microcomputadores integrado ao ensino médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, do *Campus* Palmas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins.

Importa destacar que o curso na modalidade integrado tem formação técnica unida ao período regular do ensino médio, ou seja, permite que o aluno faça o curso técnico e o ensino médio ao mesmo tempo, e tem como pré-requisito a comprovação de conclusão do ensino fundamental ou equivalente.

Cabe ressaltar, ainda, que, devido à extensão da denominação do curso pesquisado e para uma melhor apreensão no decorrer do estudo, a partir deste momento, abreviaremos o nome do curso para Operador de Computador integrado ao Proeja. Além disto, esta decisão também foi adotada em razão da base de dados utilizada para a pesquisa estar com o nome do curso abreviado para Operador de Computador integrado ao Proeja, dada a sua extensão. Esta informação foi confirmada por meio da Pró-Reitoria de Ensino, a quem compete planejar, desenvolver, controlar e avaliar a execução das políticas de ensino do IFTO (IFTO, 2019).

Neste passo, as motivações que levaram a este estudo, e que alicerçaram a justificativa desta proposta, é o fato de os jovens com faixa etária muito baixa desistirem do ensino regular e ingressarem na Educação de Jovens e Adultos de Ensino Médio. Conforme aponta o Censo da Educação Básica realizado em 2021, tem-se observado a multiplicação da presença de jovens de 15 a 24 anos matriculados nessa modalidade de ensino. Esse crescimento progressivo tem caracterizado, para alguns autores, o fenômeno de Juvenilização da EJA no ensino médio. Tal situação nos instiga a refletir sobre o que tem levado esses jovens a buscarem a EJA e sobre o papel dessa modalidade de ensino nesse contexto.

Outro fator importante, e que também justificou a realização da pesquisa, é o fato da juvenilização da EJA no ensino médio como tema de pesquisa possuir poucos estudos, devido ao caráter relativamente recente do fenômeno, que vem ocupando, de forma contínua, a atenção dos educadores no contexto atual. Com isso, vislumbrou-se ser de suma relevância apresentar o perfil etário dos estudantes do curso de Operador de Computador integrado ao Proeja do *Campus* Palmas do IFTO no período de 2017 a 2022, o que servirá de objeto para a nossa discussão.

É mister esclarecer que a escolha do *campus* para levantar o perfil etário dos estudantes do curso ocorreu em função da unidade ser a maior do IFTO em número de alunos e servidores. Já a escolha do curso se deu em razão da crescente demanda de emprego na área de tecnologia da informação e, com isso, a valorização dos cursos voltados para essa área. Dito isto, supõe-se que a maioria das matrículas no curso tenham sido por pessoas jovens em razão da necessidade de qualificação para inserção no mercado de trabalho.

Desta feita, o objetivo da pesquisa resumiu-se em apresentar o perfil etário dos alunos do curso de Operador de Computador integrado ao Proeja do *Campus* Palmas do IFTO nos anos de 2017 a 2022, subsidiado pelos seguintes objetivos específicos: 1) Apresentar as faixas etárias dos alunos do curso pesquisado; 2) Identificar as faixas etárias do curso de Operador de Computador integrado ao Proeja do *Campus* Palmas do IFTO que sofreram alterações no

número de alunos entre os anos de 2017 a 2022; e 3) Trazer o posicionamento de autores a respeito de Juventude(s), bem como de Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos.

Com isso, questionou-se: qual o perfil etário dos alunos do curso de Operador de Computador integrado ao Proeja do *Campus* Palmas do IFTO no período de 2017 a 2022? Para tentar responder a esse questionamento, a pesquisa ancorou-se nos seguintes procedimentos metodológicos: 1) análise de documentos disponíveis no portal do IFTO e no Ministério da Educação (MEC) para identificar diretrizes que norteiam a Educação de Jovens e Adultos; 2) revisão bibliográfica em literatura especializada; e 3) análise do *corpus* da pesquisa onde foram colhidos dados públicos na Plataforma Nilo Peçanha (PNP).

O estudo e os seus resultados podem auxiliar pesquisas sobre a temática, proporcionar o conhecimento do perfil etário dos estudantes do curso pesquisado, bem como provocar o interesse de investigar o perfil etário dos estudantes dos demais cursos do Proeja no âmbito do *Campus* Palmas do IFTO, de modo que contribua para que essa unidade considere os perfis dos alunos encontrados nessa modalidade de ensino e identifique as suas potencialidades e expectativas em relação às suas vidas, visto que esses alunos buscam seus direitos à educação após a migração do ensino regular para o ensino do Proeja.

Assim, a partir de uma abordagem qualitativa, pautada na técnica bibliográfica, na pesquisa documental, bem como na mensuração dos dados coletados referentes à faixa etária dos alunos matriculados no curso de Operador de Computador integrado ao Proeja, buscou-se refletir sobre a temática. A pesquisa bibliográfica norteou-se em Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro, para tratar sobre juventude(s) na contemporaneidade. Para nos subsidiar na utilização do método, dialogamos com os autores Antônio Carlos Gil, Eva Maria Lakatos, Cleber Cristiano Pronadov e Ernani Cesar Freitas. E ainda Marluce Zacariotti, Gilberto Geribola Moreno e Daniela Medeiros de Azevedo Prates para auxiliar na apresentação do perfil etário dos alunos do curso de Operador de Computador integrado ao Proeja do *Campus* Palmas do IFTO.

O direito à educação básica para jovens e adultos da modalidade EJA

O direito à educação é garantido legalmente para todas as pessoas, sem qualquer distinção. A Constituição Federal de 1988 assegura o direito à educação, quando assim diz: “Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988).

Desse modo, a garantia à educação aos jovens e adultos que não tiveram acesso na idade apropriada é contemplado no art. 208 da Constituição Federal, que recebeu uma nova redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, a qual reza o seguinte:

[...] O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; [...]

Compreendida como direito, a educação para jovens e adultos deve ser oferecida de modo que atenda às condições e necessidades dos alunos, assim como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB):

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida..

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Assim, a Educação de Jovens e Adultos de acordo, com a LDB, é uma modalidade de ensino que visa oportunizar a formação escolar para aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental ou médio nas idades apropriadas. A legalização desses direitos surge como uma ação de estímulo aos jovens e adultos, proporcionando o seu retorno à sala de aula.

Juventude(s) na educação de jovens e adultos: novos perfis etários num velho cenário

Por muito tempo as turmas de EJA eram compostas em sua maioria por adultos, um público mais velho (trabalhador, idoso, pai de família). No entanto, com o passar dos anos, as turmas passaram a ser compostas por um público muito jovem, incluindo a presença de adolescentes. Os autores Carrano (2007), Brunel (2004 *apud* Silva, 2010), Miron e Schardosim (2021) evidenciam em suas pesquisas que os jovens entraram definitivamente em cena nessa modalidade de ensino. A presença cada vez maior de jovens com faixa etária muito baixa nas turmas da EJA caracteriza o fenômeno que vem sendo chamado de juvenilização.

Brunel (2004 *apud* Silva, 2010) destaca que a juvenilização é um fenômeno dos anos 90. Para a autora, “fatores pedagógicos, políticos, legais e estruturais fazem com que muitos jovens procurem cada vez mais esta modalidade e a cada ano mais precocemente” (Brunel, 2004 *apud* Silva, 2010, p. 9). Esse fenômeno é o rejuvenescimento da população que frequenta a EJA. A presença significativa de jovens, inclusive adolescentes, é o resultado de uma migração do ensino regular para o ensino da EJA.

O rejuvenescimento da população que frequenta a EJA é um fato que vem progressivamente ocupando a atenção de educadores e pesquisadores na área de educação. Para Carrano (2007, p. 1), “é notável o crescente interesse que o tema da juventude vem despertando no campo da Educação de Jovens e Adultos”. Neste sentido, Brunel acrescenta que “o número de jovens e adolescentes nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço”. (Brunel, 2004 *apud* Silva, 2010, p. 8).

No Brasil, para fins de políticas públicas, jovens são aqueles indivíduos entre 15 e 29 anos, faixa etária definida pelo Estatuto da Juventude. Em 1985, a Unesco, em assembleia geral, apresentou uma definição na qual o jovem é o indivíduo que pertence ao grupo populacional localizado entre 15 e 24 anos, sendo esta mesma faixa etária utilizada pela OMS para definição de jovens.

Embora a definição da faixa etária juvenil não seja consenso, a sua delimitação faz-se necessária “para definir quem é criança, adolescente, jovem, adulto e velho para fins de políticas, serviços, reconhecimento de necessidades específicas, segundo fase do desenvolvimento biológico-psicossocial [...]”. (Abramovay; Castro, 2021, p. 8).

Como os jovens “constituem fenômeno estatístico significativo nas diversas classes de EJA e, em muitas circunstâncias, representam a maioria ou quase a totalidade dos alunos em sala de aula” (Carrano, 2007, p. 1), faz-se necessário conceituar juventude. De acordo com Esteves e Abramovay (2007, p. 21):

[...] a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Já para alguns autores, a juventude é vista como uma transição para a vida adulta, conforme discorre Abramovay e Castro (2021, p. 8):

[...] para muitos autores, juventude é uma invenção de adultos, que impõe significados ao ser jovem. Assim adolescência e até juventude são rotuladas como fases de transição para o mundo adulto, de preparação para tal mundo, ou seja, o

adolescente e o jovem não são considerados como um ser pleno, mas um projeto, um vir a ser que por sua imaturidade, presumida, precisa ser tutelado.

No entanto, para Bourdieu (1983, *apud* Carrano, 2007, p. 4), “juventude é apenas uma palavra”. Porém, a realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um grupo heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Portanto, a juventude não deve ser compreendida como uma mistura homogênea isenta das desigualdades e conflitos sociais, muito menos indiferente, alheia diante do mundo que se apresenta: “[...] a juventude não é mais que uma palavra, uma categoria construída, porém as categorias são produtivas, fazem coisas, são simultaneamente produtos de acordo social e produtoras de mundo” (Reguillo, 2000 *apud* Carrano, 2007, p. 4).

Nesse sentido, Dayrell (2005, p. 1) acredita que a noção de juventude:

[...] deve ser entendida, ao mesmo tempo, como uma condição social e uma representação. De um lado, há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo em determinada faixa etária, na qual completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. Mas a forma como cada sociedade e, no seu interior, cada grupo social vai lidar e representar esse momento é muito variada.

O autor acrescenta ainda que “não existe uma juventude, mas sim juventudes, no plural, enfatizando, assim, a diversidade de modos de ser jovem na nossa sociedade”. (Dayrell, 2005, p. 1). Para as autoras Abramovay e Castro, não há apenas um modelo de juventude, e sim juventudes. A utilização do termo no plural prevalece pela vivência coletiva de jovens, os quais compartilham elementos comuns entre si e que caracterizam o ser jovem como um ser com uma construção social e histórica, e não meramente uma condição etária.

[...] o emprego do termo juventudes no plural, antes de patrocinar uma perspectiva fracionada, na qual aparecem modelos de jovens separados, sinaliza a existência de elementos comuns ao conjunto dos jovens. As diferentes juventudes não são “estados de espírito” e sim uma realidade palpável que tem sexo, idade, raça, fases, em uma época que passa cuja duração não é para sempre, ou seja, apenas uma geração. Depende, fundamentalmente, de suas condições materiais e sociais, de seus contextos, de suas linguagens e formas de expressão (Abramovay; Castro, 2015, p. 14).

Dessa forma, filia-se ao entendimento de que os adultos na EJA se caracterizam por representações da juventude na sociedade, o que nos faz refletir sobre as muitas maneiras de ser jovem na atualidade. Em face disso, para Dayrell (2005, p. 3), “é tarefa do mundo adulto e suas instituições garantir aos jovens momentos e situações em que se coloquem como interlocutores, promovendo uma relação intergeracional”. Esse vínculo que se estabelece entre pessoas de gerações distintas possibilita o cruzamento de experiências e saberes. Essas trocas são construídas socialmente e podem acontecer dentro ou fora das unidades familiares e ocorrerem espontaneamente ou de maneira intencional.

Nessa seara, sendo as juventudes uma condição juvenil e a escola um espaço heterogêneo, ou seja, formado de diversas fases da vida, o retorno dos adultos à escolarização, a qual não lhes foi oportunizada na idade regular, reafirma que não há somente uma juventude, mas sim juventudes, no plural, bem como ratifica a necessidade dessa relação intergeracional.

Contudo, cumpre ressaltar que a EJA, assim como o Proeja são destinados a pessoas que, por qualquer motivo, não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada, sendo que o Proeja é na verdade o nome dado quando o ensino EJA é oferecido junto com um curso técnico ou vice-versa. Desta forma, o interessado poderá concluir seus estudos na modalidade EJA e, ao mesmo tempo, fazer um curso técnico de formação profissional.

No entanto, por muito tempo, a EJA esteve configurada na Educação de Adulto, objetivando principalmente a alfabetização e a própria escolarização dessas pessoas. Outrora era comum as pessoas depois de adultos ou até na terceira idade concluir seus estudos submetendo-se às aulas especiais destinadas a essa modalidade de ensino; porém, ultimamente, há novos perfis etários nessa modalidade educativa que, unidos aos adultos da EJA, tem a possibilidade de aproximação, relação e trocas. Assim, a EJA deve alargar o seu campo de análise considerando os novos perfis etários dos alunos, os quais estão contemplados nos resultados desta pesquisa e serão revelados a seguir.

Materiais e métodos

Considerando o contexto apresentado, acompanhado da justificativa, dos objetivos e da problemática, a pesquisa ora apresentada caracterizou-se como um estudo qualitativo de caráter exploratório, haja vista que valeu-se de bibliografias para compreender e descrever sobre a presença de jovens na EJA, sobretudo descrever sobre o perfil etário dos alunos do curso de Operador de Computador integrado ao Proeja do *Campus* Palmas do IFTO, no período entre 2017 e 2022.

Tratou-se, ainda, de um estudo qualitativo com viés descritivo documental, uma vez que o intuito foi conhecer e apresentar o perfil de um grupo por meio da distribuição por faixa etária, em tabelas disponibilizadas em plataforma de dados públicos, que se ocupou em “observar, registrar, analisar e ordenar dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52). Com relação à utilização dos métodos, Marconi e Lakatos (2003, p. 164) dizem que:

[...] nas investigações, em geral, nunca se utiliza um método, uma técnica, e nem somente aqueles que se conhecem, mas todos os que forem necessários ou apropriados para determinado caso. Na maioria das vezes há uma combinação de dois ou mais deles, usados concomitantemente.

De acordo com Gil (2002, p. 41), “pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”, o que ratifica as estatísticas apresentadas pelo Censo da Educação Básica (2021), no qual foi possível observar o crescimento progressivo de jovens nesta modalidade de ensino, situação que tem despertado a atenção dos educadores contemporâneos.

Dessa forma, a primeira etapa metodológica deste estudo consistiu-se no aprofundamento da revisão bibliográfica, que se constrói, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54):

[...] a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos [...], dissertações, teses [...], internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

Em seguida, realizou-se a análise de documentos disponíveis no portal do IFTO e no MEC, no intuito de identificar diretrizes que norteiam a Educação de Jovens e Adultos.

O próximo passo foi conhecer os dados disponibilizados na PNP. Para acessá-los, foi necessário seguir o seguinte caminho: indicadores de gestão; “filtro selecionado”; instituição; unidade; tipo de oferta; eixo e subeixo tecnológico; “aplicar”. Em seguida, “selecionar indicador”; matrículas; “detalhar tabela por”; “seleções múltiplas”; instituição; unidade; tipo de oferta; nome do curso e faixa etária.

Na sequência, realizou-se a análise dos dados colhidos na PNP, levantou-se o número de matriculados e a faixa etária dos alunos do curso pesquisado no período de 2017 a 2022, a fim de conhecer e apresentar o perfil etário desses estudantes, além de verificar se as faixas etárias sofreram alterações, uma vez que, de acordo com Gil (2008, p. 148):

Para fins de pesquisa científica são considerados documentos não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno. Assim, a pesquisa documental tradicionalmente vale-se dos registros cursivos, que são persistentes e continuados. Exemplos clássicos dessa modalidade de registro são os documentos elaborados por agências governamentais.

Após a análise e interpretação dos dados, “que consiste, fundamentalmente, em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos [...]” (Gil, 2002, p. 125), partiu-se para a apresentação dos dados, “a fim de atender aos objetivos da pesquisa e para comparar e confrontar dados e provas com o objetivo de confirmar ou rejeitar a(s) hipótese(s) ou os pressupostos da pesquisa” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 112) e, assim, “responder, do melhor modo possível, ao problema de investigação formulado [...]” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 115).

Por fim, com os dados devidamente coletados, analisados e interpretados, passou-se para a apresentação dos resultados no item a seguir.

Resultados e discussões

A Plataforma Nilo Peçanha (PNP), instrumento de pesquisa para coleta de dados deste trabalho, foi criada em 2018 e lançada pelo governo federal para servir como uma ferramenta de coleta, validação e disseminação de estatísticas das unidades da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPT), e para aperfeiçoar os indicadores de gestão de dados relativos ao corpo docente, discente, técnico-administrativo, e de gastos financeiros das Instituições da RFEPT (BRASIL, 2018).

A PNP, anualmente, é abastecida com os dados extraídos do Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (Sistec), do Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos (Siape) e do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal (Siafi).

Dessa forma, ressalta-se que os dados coletados na PNP para esta pesquisa são relativos ao corpo discente, especificamente a faixa etária dos estudantes matriculados no período de 2017 a 2022 no curso de Operador de Computador Integrado ao Proeja ofertado pelo *Campus Palmas* do IFTO, o qual servirá de base para apresentar o perfil etário deste alunado.

As faixas etárias dos estudantes constantes na plataforma contemplam os dados extraídos pelo Sistec, sistema instituído e implantado pelo MEC, por meio da Resolução CNE/CEB nº 3/2009, cuja finalidade é servir como mecanismo de registro e divulgação dos dados da educação profissional e tecnológica e de validação de diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio (Brasil, 2009). Deste modo, os dados coletados foram extraídos da plataforma em março de 2023, e serão apresentados na própria tabela disponibilizada pela PNP, conforme Figura 1.

Figura 1 - Apresentação do número de matrículas

Seleções múltiplas ▼ Matrículas

Instituição	2017	2018	2019	2020	2021	2022
☐ IFTO						
☐ Campus Palmas						
☐ PROEJA - Integrado						
☒ Operador de Computador						
Total	101	76	17	67	40	18

Fonte: Plataforma Nilo Peçanha - <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp>

A Figura 1 apresenta o número de alunos matriculados no curso de Operador de Computador Integrado ao Proeja, com duas entradas anuais, sendo uma entrada em cada semestre. As matrículas na Figura 1 vêm apresentadas anualmente e correspondem a 101 estudantes matriculados em 2017, 76 em 2018, 17 em 2019, 67 em 2020, 40 em 2021, e 18 em 2022. Observa-se um decréscimo no número de matrículas entre 2017 e 2022, sobretudo no número de alunos matriculados durante os anos de 2019 e 2022, o que suscita novas pesquisas em torno desse declínio significativo no número de matriculados, bem como um maior embate pedagógico e político pela garantia da educação nessa modalidade de ensino.

Figura 2 - Apresentação da Faixa etária

Instituição	2017	2018	2019	2020	2021	2022
IFTO						
Campus Palmas						
PROEJA - Integrado						
Operador de Computador						
15 a 19		0	4	8	1	0
20 a 24		18	4	22	16	8
25 a 29		22	2	11	7	3
30 a 34		18	0	2	3	1
35 a 39		6	4	13	4	2
40 a 44		2	1	5	5	1
45 a 49		3	1	2	2	2
50 a 54		4	0	0	0	0
55 a 59		3	1	3	2	0
> 60		0	0	1	0	1
Total	101	76	17	67	40	18

Fonte: Plataforma Nilo Peçanha - <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp>

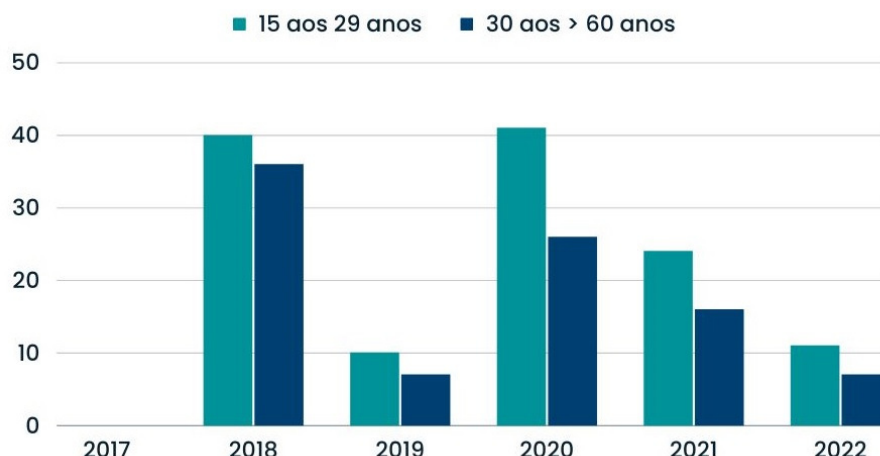
Na Figura 2 apresenta-se anualmente o número de alunos, por faixa etária, matriculados no curso pesquisado. Observa-se que as faixas etárias dos alunos matriculados no ano de 2017 não foram disponibilizadas pela PNP. À vista do exposto, esclarecemos que neste período a plataforma não disponibilizou nenhum dado relativo à faixa etária de estudantes dos cursos do IFTO nem de outras instituições de ensino; fato que nos faz supor que, em razão da implantação da PNP em 2018, a faixa etária ainda não havia sido contemplada como indicador.

Durante o ano de 2018, as faixas etárias que correspondem dos 15 aos 29 anos contabilizam 40 matriculados; as demais faixas etárias, que definem as matrículas com idades entre 30 e superior a 60 anos, somam 36 matriculados. Em 2019, para as faixas etárias que configuram dos 15 aos 29 anos computam-se 10 matriculados; já nas faixas etárias restantes, que determinam as matrículas com idades entre 30 e acima de 60 anos, contam-se 7 matrículas.

Já em 2020, para as faixas etárias que correspondem dos 15 aos 29 anos, calculam-se 41 matriculados; as demais faixas etárias, que equivalem às matrículas com idades entre 30 e superior a 60 anos, somam 26 matrículas. Em 2021, nas faixas etárias que representam dos 15 aos 29 anos contabilizam-se 24 matriculados; já para as outras faixas etárias que restam, as quais configuram as matrículas com idades entre 30 e acima de 60 anos, contabilizam-se 16 matrículas. Enquanto em 2022, as faixas etárias que correspondem dos 15 aos 29 anos contabilizam 11 matriculados, o restante das faixas etárias, que definem as matrículas com idades entre 30 e superior a 60 anos, somam 7 matrículas.

As informações apontadas são apresentadas no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Resultado do Levantamento do Perfil Etário



Fonte: Gráfico elaborado pelas pesquisadoras (2023)

Dessa forma, mesmo sem a faixa etária dos alunos matriculados em 2017 e com uma queda significativa no número de estudantes matriculados em 2019 e 2022, o maior número de matriculados no curso pesquisado entre o período de 2018 e 2022 tem idades entre 15 a 29 anos, faixa etária definida como juvenil pela Lei da Juventude, Uneso e OMS, considerando que, para a Lei da Juventude, são jovens os indivíduos entre 15 e 29 anos; e para a Unesco e a OMS, de 15 a 24 anos.

Assim, os dados apresentados corroboram com o apontado no Censo da Educação Básica realizado em 2021, onde consta a presença de jovens entre 15 e 24 anos como maioria entre os matriculados nessa modalidade de ensino. No entanto, falta compreender os motivos que levaram esses jovens a buscarem no Proeja/EJA a sua formação. Neste sentido, Moreno (2008, p. 1) aponta que:

É cada vez maior o número de jovens entre 15 e 25 anos que se matriculam nos cursos de EJA para dar continuidade aos estudos. Os motivos que levam estes jovens a buscarem na educação de jovens e adultos sua formação não estão totalmente compreendidos. Obviamente todos sabemos que estes jovens não realizaram seus estudos na idade apropriada e que muitos sofreram processos de exclusão da escola regular. Contudo, acreditamos que uma multiplicidade de fatores promova a volta aos estudos por parte destes jovens impulsionando o crescimento da presença juvenil na Educação de Jovens e Adultos.

Cumprindo ainda destacar que há presença de jovens com faixa etária muito baixa matriculados no curso pesquisado, o que significa que esses jovens desistiram do ensino médio regular, sendo a idade de 15 a 17 anos considerada como apropriada para cursar esta etapa de ensino, e ingressaram na Educação de Jovens e Adultos de Ensino Médio. Os dados que corroboram com esse entendimento são as 13 matrículas na faixa etária de 15 a 19 anos apresentadas em 2019, 2020 e 2021, o que indica que o curso pesquisado sofreu alterações no número de alunos nessa faixa etária em relação aos dados apresentados em 2018 e 2022.

Esta situação soma-se às variações sofridas no número reduzido de alunos matriculados em 2019 e 2022 nas faixas etárias com intervalo entre 20 e 59 anos em comparação a 2018, 2020 e 2021. As alterações persistem quanto à ausência de estudantes matriculados nas faixas etárias de 30 a 34 anos, em 2019, de 50 a 54, em 2019 a 2022, bem como na faixa etária acima de 60 anos, em 2018, 2019 e 2021.

Em face do exposto, ressalta-se que foram apresentados os números de matrículas anuais do curso de Operador de computador integrado ao Proeja do *Campus* Palmas do IFTO entre 2017 e 2022, as faixas etárias desses alunos, bem como identificadas as alterações

sofridas no número de estudantes em todas as faixas etárias. Assim, destaca-se que a maioria dos alunos matriculados no curso pesquisado possui faixa etária entre 15 e 29 anos, o que pode indicar que o perfil dessa faixa etária é juvenil, corroborando com a definição de juvenil pela Lei da Juventude, Unesco e OMS.

No entanto, é oportuno destacar que a condição juvenil tem outras abordagens possíveis. “A condição juvenil e o processo de juvenilização da sociedade [...] não têm a ver com idade cronológica ou geração” (Zacariotti; Silva, 2020, p. 48), mas “como um estrato social independente, [...] permitindo visibilizarmos múltiplas formas de ser e estar jovem presentes na contemporaneidade” (Prates, 2020, p. 200).

Conforme Zacariotti, Silva e Frutuoso (2021, p. 305) apontam, “para além dessa ideia de juvenilização no aspecto da entrada de pessoas jovens na EJA, há aspectos da juvenilização que nada tem a ver com faixa etária”. Dito isto, acrescentamos que o fenômeno juvenilização é composto por pessoas que experimentam a juventude, e que suas vivências, com diferentes culturas, identidades, formas de sociabilidades, afetividades e (re)existências, sejam compreendidas como fase da vida que possui características singulares. Essa perspectiva nos ajuda a pensar na relação dos jovens (no conceito etário), que parecem chegar cada vez mais à EJA, com o público mais velho, ao qual de fato se volta essa modalidade de ensino. Isso é importante para problematizar essa mudança de perfil etário, o que pode implicar alterações do perfil da EJA.

Por fim, destaca-se que “ser jovem parece tornar-se preeminente, dificultando nomeações sobre onde começa e termina a juventude, ao que é e não é ser jovem, um fenômeno que viemos reconhecendo como juvenilização” (Pereira, 2011 *apud* Prates, 2020, p. 198), e que a EJA e outras “políticas públicas educacionais ainda não levam em consideração o contexto da diversidade da cultura juvenil brasileira e seus múltiplos modos de ser e de estar no mundo” (Zacariotti; Silva; Frutuoso, 2021, p. 305).

Considerações finais

Por muito tempo, a Educação de Jovens e Adultos esteve configurada como educação de adultos; outrora, era comum as pessoas depois de adultos ou até na terceira idade concluírem os seus estudos nessa modalidade de ensino. Dito isto, pesquisar e debater sobre o tema em questão nos apresentou alguns desafios diante da relevância desta temática na contemporaneidade, como também nos desafiou a contextualizar o fenômeno da juvenilização, o qual se apresenta como o atual perfil etário que compõe a Educação de Jovens e Adultos, como também sua composição por pessoas que experimentam a juventude nas diferentes fases da vida.

O fenômeno da juvenilização da EJA é caracterizado pela entrada de um grupo cada vez mais jovem dentro desta modalidade de ensino que, antes, tinha em maior quantidade o número de adultos. Corroboram com esse entendimento os resultados desta pesquisa, uma vez que os jovens, grupo etário entre 15 e 29 anos, faixa etária definida como juvenil pela Lei da Juventude, Unesco e OMS, são maioria entre os alunos do curso pesquisado. Destacamos que esse dado é de um curso, pode ser que outros cursos dentro da mesma instituição ou em instituições distintas estejam seguindo nessa mesma direção, algo a se investigar.

Entretanto, destacamos que a presença cada vez maior e recorrente dos estudantes mais jovens não deve cancelar a existência de adultos, que também fazem parte dessa modalidade de ensino, nem de considerar que as turmas de EJA contam somente com a presença de jovens com faixa etária muito baixa, mas com a presença de sujeitos em condição juvenil, que nada tem a ver com faixa etária, porém, com as diversas formas de ser e estar jovem presentes na contemporaneidade.

Dessa forma, ressaltamos ainda que, para além da ideia de juvenilização da EJA, a qual é marcada pela introdução crescente e recorrente de estudantes cada vez mais novos, há

aspectos da juvenilização que nada tem a ver com faixa etária, conforme afirma Zacariotti, Silva e Frutuoso (2021), o que tem apresentado o surgimento de novos desafios e possibilidades, devendo-se levar em consideração sujeitos com idades distintas, bem como cultura, identidades e perspectivas diversas.

Neste cenário da juvenilização encontram-se professores, gestores e pesquisadores com inúmeras interrogações, devido ao rejuvenescimento desse público da EJA. Mas, para além dessa ascensão contínua de matrículas de alunos com idades para o ensino regular, investigar e levantar quem são esses sujeitos se torna uma tarefa indispensável. Para isso, faz-se necessário compreender que os jovens e os adultos da EJA carregam uma série de particularidades que fazem deles um grupo específico, distinto dos demais grupos sociais de jovens e de adultos, mas não homogêneo, porém inseridos num espaço capaz de promover uma relação intergeracional. Até porque, como já comentado, estão todos em uma mesma condição juvenil, se pensarmos na perspectiva apontada por Zacariotti, entre outros autores.

Carrano (2007) e Brunel (2004 *apud* Silva, 2010) observam que a mudança no perfil etário da EJA coloca a escola à frente de desafios diferentes do público habitual da EJA. É preciso considerar que esses estudantes têm uma trajetória escolar marcada por dificuldades, desistências, exclusões e recusas. Para os autores, o desafio é reconhecer os conhecimentos prévios desse alunado até então desvalorizado, respeitar a sua história e sua formação, compreender como vivem as juventudes (outro conceito que se associa à condição juvenil) nos dias de hoje, como se portam e se comportam fora da sala de aula, valorizar o estudo individualizado e assim construir junto o currículo escolar.

Diante de tantos desafios, suscitam-nos alguns questionamentos: as pessoas que não conseguiram estudar na idade considerada apropriada realmente estão sendo contempladas nesta modalidade de ensino? Por que as pessoas nesta faixa etária considerada jovem estão buscando mais esta opção? É o encurtamento do estudo? Atalho para a profissão? Questionamentos que carecem de investigação.

Compreendemos a necessidade do atendimento a esse público novo, sem arranhar o conceito primeiro da EJA, que é oferecer àqueles que não conseguiram finalizar a formação escolar na “idade correta”, tendo em vista as mais diversas realidades sociais, políticas, econômicas e educacionais em que se encontram.

Desse modo, esperamos que a “juvenilização na EJA”, no conjunto da realidade educacional, promova a conscientização de todos como partes da conjuntura escolar, em um repensar reflexivo e humanizado, o qual consiste em aguçar o “ouvir” dos docentes em sala de aula, atentando-se aos anseios do aprender desses alunos nas diversas faixas etárias trabalhadas, e assim compreender a importância da não negação do direito de fala a esses jovens, bem como não se negar a escutá-lo e a falar de si mesmo. Essas atitudes possibilitam compreendê-los, como também aprender com eles.

Assim, a juvenilização da EJA apresenta-se como um convite à reflexão sobre os sujeitos dessa modalidade de ensino, suscita questionamentos diversos e promove um debate que tem muito a contribuir para a reconfiguração da modalidade, tendo em vista que, de um modo geral, os saberes dos diversos sujeitos pouco são considerados para o trabalho em sala de aula, e o processo de ensino-aprendizagem se distancia dos desejos e interesses desses estudantes. Tudo isso nos convoca ainda a questionar os caminhos e objetivos do Proeja/EJA. Afinal, ele atende ao que se propõe? Isso também é algo a se investigar.

Contudo, os resultados desta pesquisa têm como objetivo contribuir como objeto de estudo, a fim de colaborar com as reflexões e discussões relacionadas ao tema com o surgimento de novas pesquisas, seja na tentativa de responder as indagações levantadas no decorrer do trabalho, seja no confronto de dados com outros cursos do Proeja dentro do IFTO e de outras instituições de ensino, além de contribuir para que as políticas públicas de EJA

sejam construídas considerando o protagonismo desses jovens dentro dos espaços a que eles pertencem e suas formas de ser e estar presentes na contemporaneidade.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. **Cadernos Adenauer XVI**, São Paulo, n. 1, 2015. p. 13-24.

Disponível em: https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=55825619-323e-712f-2f0a-f7b2fb31b673&groupId=265553. Acesso em: 13 jan. 2023.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ser jovem hoje, no Brasil**: desafios e possibilidades. 2. ed. Brasília: Flacso Brasil, 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2024. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006**. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/Decreto/D5840.htm. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2024. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 dez. 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF: Presidência da República, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 08 dez. 2022.

BRASIL. Sistema Integrado de Administração de Pessoal – PortalSiapenet. **Apresentação**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.siapenet.gov.br/Portal/Servico/Apresentacao.asp>. Acesso em: 06 fev. 2023.

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **Revista de Educação de Jovens e Adultos–REVEJA**. Minas Gerais: UFMG, 2007. 339 p. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/documento/educa%C3%A7%C3%A3o-de-jovens-e-adultos-e-juventude-o-desafio-de-compreender-os-sentidos-da-presen%C3%A7a-d>. Acesso em: 15 fev. 2023.

DAYRELL, Juarez. Por uma pedagogia da juventude. **Onda Jovem**, São Paulo, n.1, 2005. Disponível em: https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/09/anexo-i_por-uma-pedagogia-da-juventude_juarez-dayrell.pdf. Acesso em: 15 dez. 2022.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Unesco, 1. ed., 2007. p. 19-54. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/publicacoes/semesp/Vol27_ed1_juventudes.pdf. Acesso em: 11 dez. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. 2022. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/populacao-por-sexo-e-grupo-de-idade-2010.html>. Acesso em: 15 jan. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo Técnico: Censo escolar da educação básica 2021**. Brasília, DF: Inep, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf. Acesso em: 08 dez. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS. **Apresentação**. Palmas, 2019. Disponível em: <http://portal.ifto.edu.br/ifto/reitoria/pro-reitorias>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos-Proeja**. Brasília, ago. 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 3, de 30 de setembro de 2009**. Dispõe sobre a instituição Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (SISTEC), em substituição ao Cadastro Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio(CNCT), definido pela Resolução CNE/CEB nº 4/99. Brasília, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb003_09.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 1, de 3 de janeiro de 2018**. Institui a Plataforma Nilo Peçanha - PNP, a Rede de Coleta, Validação e Disseminação das Estatísticas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica - REVALIDE. 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/1590412/do1-2018-01-04-portaria-n-1-de-3-de-janeiro-de-2018-1590408. Acesso em: 10 dez. 2022.

MIRON, Kerén Talita Silva; SCHARDOSIM, Chris Royes. Juvenilização da EJA: possibilidades e desafios na escolarização. *In: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (org). EJA em debate*. Ano 10. Florianópolis: IFSC, 2021. p. 31-48.

MORENO, Gilberto Geribola. **Juventude e educação de jovens e adultos**. FEUSP, 2008. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/4143>. Acesso em: 30 fev. 2023.

NEVES, Bruno Miranda. A Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais. **EJA Em Debate**, Florianópolis, ano 2, n. 2, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1099>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo. (Re)Abrindo a Cena: Juventude(s), Emergências, Convergências e Dispersões. *In: GARBIN, Elisabete Maria; PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo (org.). Juventudes Contemporâneas: Emergências, Convergências e Dispersões*. Porto Alegre: CirKula, 1.ed., 2020. p. 171-204.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Líbia Suzana Garcia da. **Juvenilização na Eja: Experiências e Desafios**. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em pedagogia) – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27414/000764715.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ZACARIOTTI, Marluce; SILVA, Rita de Cassea Coronheira. **Quando as Juventudes Falam: Percepções sobre o Ensino Médio e o protagonismo juvenil**. Palmas: Ed UFT, 2020. Disponível em <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2525>. Acesso em: 12 fev. 2023.

ZACARIOTTI, Marluce; SILVA, Jerônimo Cavalcante Dantas da; FRUTUOSO, Luciana Patrícia da Silva. O processo de juvenilização na EJA: novas trilhas, outros sujeitos. *In: DIAS, Karina de Araújo (org.). Formação Docente em Perspectiva: políticas, proposições e práticas*. 1. ed. Curitiba: Bagai, 2021. p. 303-313. E-book.